

Escrita Criativa – e reflexiva, *ma non troppo*

LUIZ ANTONIO DE ASSIS BRASIL*

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – Porto Alegre – RS – Brasil

Selon une conception de plus en plus répandue, les ateliers d'écriture seraient caractérisés par leur efficacité, le plaisir qu'on y trouve, et le caractère littéraire des textes lus et écrits. Comme s'il s'agissait d'une formule magique qui permet d'obtenir à tous coups des bons résultats¹.

1 Uma das mais intensas e exclusivas experiências humanas, a criação artística ainda não foi satisfatoriamente explicada. Houve e há tentativas, mas nenhuma, por si só, é capaz de dar conta da integralidade do fenômeno. Qual é este *quid* que nos distingue dos outros seres vivos, e de maneira mais próxima, dos animais? Até hoje não chegamos a um consenso e, penso eu, nunca chegaremos. Os antigos, que nunca nos desapontaram com suas reflexões, levaram o tema para suas experiências mitológicas, e isso os colocava numa conveniente – mas bela! – zona de conforto. Viveram, amaram, cultivaram seus deuses e morreram sem maiores inquietações acerca do que produziam – e que já chamavam de arte, que identificavam com o belo. Se pensarmos na escultura, arquitetura e literatura gregas, que são as maiores evidências de sua prodigiosa criação, é inegável que sabiam perfeitamente o que faziam, e que não difere das atuais concepções intelectuais. É certo que hoje o belo sofreu alterações, mas no fundo, todos buscamos, de alguma forma, o brilho desse momento emocionante que nos ocorre quando tomamos contato com algo que difere do cotidiano, abrindo espaços para um outro *eu* que existe dentro de nós, do qual muitas vezes nem sabíamos de sua existência, e que se confunde com o exercício da sensibilidade.

* Escritor. Doutor em Letras. Professor da Faculdade de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Ministrante da Oficina de Criação Literária deste Programa desde 1985.

¹ De acordo com uma concepção cada vez mais divulgada, as oficinas literárias seriam caracterizadas pela sua eficácia, pelo prazer nela encontrado e pelo caráter literário dos textos lidos e escritos. Como se fosse uma fórmula mágica que permite obter de qualquer forma bons resultados [Trad. do A.]. In: GUIBERT, R. *Former des écrivains*. Villeneuve d'Ascq: Septentrion, 2003. p. 19.

2 Quando transpomos tudo isso para a fruição do texto, é possível dizer um pouco mais: sempre que particularizamos um ponto de pesquisa, conseguimos dar alguns passos na direção de alguma ideia mais ou menos válida. Se, como dito acima, o pensamento acerca do belo se alterou, ele não contradiz a experiência estética como a base do conhecimento da arte. O bom texto literário – ainda que retrate facetas menos nobres da vida, ainda que as atualize e contradiga – deseja, em última análise, que o leitor tenha alguma sorte de *prazer*; não será a repugnância que estimulará o leitor. Isso é particularmente visível quando nos deparamos com uma criação de Bukowski, por exemplo. Mesmo que o foco preferido do grande autor norte-americano seja um universo muitas vezes grotesco, realisticamente grotesco, ele nos seduz por algo que chamaríamos de prazer estético; ainda que mundo de Baudelaire esteja pleno de desesperança e aponte para a morte como o único caminho possível e nobre, qualquer leitor qualificado terá horas e horas de um deleite indefinível, que nada tem a ver com qualquer tendência suicida.

3 Como aqui falamos em criação literária, não é inútil dizer algo acerca de seus *inimigos*, se é que podemos utilizar esse termo vagamente bélico. O primeiro, o grande inimigo, é a tradição literária mal-entendida, que põe no belo – em seu sentido ingênuo – o grande traço indicativo. Porque grandes autores escreveram obras *belas*, ou assim as consideramos, não nos é dado o direito de nos afastarmos dessa ideia feita. Há, percorrendo a história literária, um caudal sempre vivo, responsável por sonetos aos beija-flores ou novelas e romances que seguem uma fórmula invariável, que conduz a finais de folhetim. O curioso disso tudo é a persistência e a ressonância dessas fórmulas. Se o fenômeno ficasse por aí, nada teríamos a dizer como reparo; o problema é o quanto o fenômeno acaba por interferir no instante criador de pessoas que não tiveram acesso a outras obras, com as quais pudessem dialogar e estabelecer um pensamento crítico. Talvez a vida literária tenha a ver com isso, com suas instituições de elogios recíprocos e perfeitamente vazios. No passado – felizmente é passado – nos davam em aula alguns desses espécimes esdrúxulos como sendo autêntica literatura. Aqui é possível referir à famigerada *Seleção em prosa e verso*, de Alfredo Clemente Pinto que, no sul do Brasil, foi responsável por uma enormidade de equívocos conceituais acerca do que é lícito escrever. Não queremos dizer que toda a *Seleção* estivesse errada, mas induzia, sem dúvida, ao erro, ao colocar lado a lado expressões discrepantes de qualidade estética. O resultado visível de sua influência ainda reconhecemos, aqui e ali, nas seções de *faits divers* que há em todos os jornais.

4 O problema se torna mais complexo quando pensamos a literatura no ambiente acadêmico o qual, salvo exceções, não cultiva de modo veemente a inovação; no caso, a inovação está no entender a literatura não apenas como conhecimento da história literária e da teoria, as quais, em si mesmas, são indispensáveis, mas como *criação*. Ideia nova – apenas em nosso País – encontra resistências mais ou menos veladas, que se expressam em fórmulas como “assim como está, está bem” ou “não consigo entender como se possa ensinar isso” ou, ainda, o mais frequente: “como vamos avaliar o que foi produzido?” Ao contrário do enfrentamento, a melhor conduta é evidenciar os bons resultados já obtidos nas universidades do Exterior, nomeadamente dos Estados Unidos, Reino Unido, África do Sul, Austrália; mas esse não será, nem deve ser, o único argumento. A Escrita Acadêmica, trazida à universidade, significa a abertura de uma via sob todos os pontos de vista louvável, que privilegia a capacidade criadora dos alunos que, muitas vezes, procuram um curso de Letras não apenas para conhecer e encaminhar-se para uma carreira no magistério, mas com a vontade concomitante de percorrer a trilha do “outro lado” da literatura, dando assim vazão a todas suas potencialidades. Enfim, pregamos aqui uma universidade que tenha vários olhares acerca do aluno, considerando-o não apenas um sujeito reprodutor de conhecimentos, mas que também passe pela experiência criadora. É possível que não se torne um escritor, mas, sem dúvida, será um leitor melhor e, por consequência, um cidadão mais útil à sociedade em que vive. Em tudo isso, é vital a insistência em reafirmar o papel dos estudos literários na universidade, conforme nos assegura Paul Dawson, ao falar no espaço e da autoridade destinada à escrita criativa nesse ambiente:

I have concluded that in order for Creative Writing to negotiate a space for this authority within the university it is necessary to reassert the academic importance of literature not only as an influential agent in the cultural life of a society which demands critical attention, but as an intellectual practice which makes an active contribution to English Studies (envisaged as a form of knowledge constituted at the dialogic junction of literature and criticism)².

² Concluí que, para que a Escrita Criativa possa negociar um espaço para essa autoridade na universidade, é preciso reafirmar a importância acadêmica da literatura, não apenas como um importante agente na vida cultural de uma sociedade que requer atenção crítica, mas como uma prática intelectual que faz uma contribuição ativa aos Estudos de Inglês (entendido como uma forma de conhecimento constituído pela junção dialógica entre a literatura e a crítica). DAWSON, P. *Creative writing and the new humanities*. New York: Routledge, 2005.

5 A Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul notabiliza-se no cenário da cultura literária brasileira como o mais visível centro de prática e reflexão da Escrita Criativa, e esse *status* foi adquirido com o conhecimento acumulado em trinta anos de existência ininterrupta da Oficina de Criação Literária, que tenho o privilégio de ser seu ministrante exclusivo. A Oficina, em seu início, foi uma atividade extensão propiciada pelo Programa de Pós-Graduação em Letras; hoje, passou às ações da EDUCON (Educação Continuada) da mesma universidade, embora seja gerida mais proximoamente pelo mesmo Programa. Da Oficina surgiram nomes consagrados da literatura nacional, como Carol Bensimon, Cíntia Moscovich, Daniel Galera, Daniel Pellizzari, Letícia Wierszchowski, Luísa Geisler, Michel Laub, Paulo Scott, dentre tanto, todos com premiações e, inclusive, alguns com obras traduzidas. [É claro que estou atento às restrições – vide a epígrafe – à prática das Oficinas, de que não são mágicas; não o são, por certo, porque, antes de tudo, trabalhamos em bases pedagógicas nítidas e com resultados mensuráveis].

6 No correr dos anos, foi esse acúmulo de saberes que propiciou e possibilitou o acolhimento, como um primeiro passo – de 2006 a 2011 – de projetos de Mestrado e Doutorado cujos trabalhos finais fossem textos literários, e isso ocorreu com instituição da linha de pesquisa específica. Já em 2007 criou-se a possibilidade, aos alunos externos à Faculdade de Letras, de matrícula na disciplina de Escrita Criativa, o que lhes dá um Certificado Adicional. Em 2012 ocorreu o grande salto, com a criação da Área de Concentração em Escrita Criativa, por enquanto única no Brasil, em nível de Mestrado e Doutorado. Em 2015 a Universidade instituiu, em seu Ensino à Distância, o curso de extensão em Escrita Criativa. Para 2016 está previsto o início do Curso Superior Tecnológico em Escrita Criativa.

7 O resultado das ações anteriores já se faz sentir, com várias dissertações e teses defendidas. Os respectivos cursos são formados por disciplinas que, embora mais específicas, como “Teorias da Criação Literária” ou “Oficina de Criação Poética”, podem ser cursadas por outros alunos de fora da Área. O que verdadeira e visivelmente distingue esses mestrados e doutorados é a natureza do trabalho final. Esse trabalho será uma obra literária em qualquer gênero, e, assim, há romances, novelas, contos, poemas, trabalhos cênicos etc. Como forma de propiciar a reflexão, pede-se que o texto venha acompanhado de um momento “teórico” – mas nem tanto, – em que o mestrando ou doutorando poderá escrever sobre sua experiência na escrita do texto final, ou, ainda tratar de um tema literário específico que traga novo conhecimento na Escrita Criativa. Nosso grande desafio, no Programa, é fazer com que o aluno não coloque

em primeiro plano a construção “teórica”, e gaste nisso maior energia do que a dedicada ao texto criativo.

8 Como toda novidade, há um preço a ser pago, que é o de estabelecer padrões acadêmicos identificáveis pela comunidade universitária, o que será alcançado apenas com a passagem do tempo, com os resultados e, também, com os equívocos. Temos a consciência de nosso pioneirismo, mas igualmente de nossa responsabilidade pois, de certo modo, traçamos algumas linhas que podem ser úteis a outras universidades brasileiras. Mas como em toda obra literária, não podemos ter medo de criar.